



Revista des discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

# Quintais como espaços vitais: alianças interespécies e protagonismo feminino diante da continuidade da COVID-19

*Home gardens as vital spaces: interspecies alliances and female protagonism in the face of COVID-19 continuity*

Priscila Fazio Rabelo<sup>1</sup>

**Resumo:** Em maio de 2022, o Ministério da Saúde do Brasil declarou o fim da Emergência em Saúde Pública pela Covid-19. No entanto, o vírus continua circulando e causando mortes. Diante deste cenário, este artigo resgata as estratégias de enfrentamento a partir do protagonismo das mulheres do assentamento Sítio Tambaba e da Aldeia Barra de Gramame, no Litoral Sul da Paraíba. Essa análise integra minha dissertação de mestrado, que investigou os impactos da pandemia da COVID-19 nesses territórios. Apesar do impacto global catastrófico, as alianças multiespécies - sobretudo, nos quintais, entre mulheres e plantas, possibilitaram um cenário singular: a ausência de óbitos e o baixo número de infectados pelo vírus, o que evidencia a importância das relacionalidades interespécies na preservação da vida.

**Palavras-chave:** COVID-19. Alianças. Interespécies. Mulheres. Quintais.

**Abstract:** In May 2022, Brazil's Ministry of Health declared the end of the Public Health Emergency caused by COVID-19. Nevertheless, the virus continues to circulate and cause deaths. In this context, this article highlights the strategies of resistance led by women from the Sítio Tambaba settlement and the Barra de Gramame Indigenous Village, located in the southern coastal region of Paraíba. This analysis is part of my master's thesis, which investigated the impacts of the COVID-19 pandemic on these territories. Despite the global catastrophic impact, multispecies alliances—especially in home gardens, between women and plants—enabled a singular scenario: no deaths and a low number of infections, which underscores the importance of interspecies relationality in the preservation of life.

**Keywords:** Covid-19. Alliances. Interspecies. Women. Home gardens.

<sup>1</sup> Doutoranda em Antropologia pela UFPB. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0692620253620265>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6849-5255>. Email: pri.fr.cso@gmail.com



**Quintais como espaços vitais:  
Alianças interespécies e protagonismo feminino diante da continuidade da COVID-19**  
*Priscila Fazio Rabelo*

## Introdução

Segundo o site *wordometer*, desde o início da pandemia até o dia 13 de abril de 2024, somaram-se cerca de 704 milhões de infectados e mais de 7 milhões de mortes em todo o planeta (sem considerar a porcentagem incalculável de subnotificação, sobretudo, em governos autoritários e de extrema direita)<sup>2</sup>. Acrescenta-se o fato de que a pandemia agravou diferentes processos de violência já em curso, como os conflitos por terra, a fome, a miséria, a ausência de políticas públicas, principalmente, para as populações mais precarizadas. No caso do Brasil, trata-se das populações rurais, quilombolas, indígenas, ribeirinhas, carcerária e em situação de rua. Embora o Ministério da Saúde do Brasil tenha declarado o fim da Emergência em Saúde Pública pela Covid-19 em maio de 2022, fato é que em fevereiro de 2025, o país já havia registrado mais de 100 mil casos e 500 mortes em menos de dois meses, sem contar as subnotificações<sup>3</sup>.

Outra consideração pertinente para a compreensão do nosso contexto, a nível planetário, é a de que estamos em um tempo marcado pelos impactos do *Plantationoceno/Negroceno* (Ferdinand, 2022)<sup>4</sup>, sendo a própria pandemia da COVID-19 um dos acontecimentos previstos diante da destruição do Sistema-Terra. Como pontua Odette Lawler (2021), juntamente com outros autores, a pandemia está intrinsecamente ligada à perda de biodiversidade e a saúde do ecossistema. Em resumo, estamos vivendo tempos de colapso ecológico, mudanças climáticas e testemunhando a ultrapassagem de limites planetários que asseguram a continuidade da vida terrestre.

Dante desse cenário catastrófico global, ao longo do mestrado em Antropologia, me debrucei em pesquisar os impactos da pandemia em dois territórios: o assentamento Sítio Tambaba e a aldeia Barra de Gramame. Tanto o assentamento quanto a aldeia, estão localizadas no município de Conde, no Litoral Sul do Estado da Paraíba. Se faz necessário

<sup>2</sup> <https://www.worldometers.info/coronavirus/>. Acesso em 7 mar. 2025.

<sup>3</sup> <https://cieges.conass.org.br/paineis?categoria=situacao-de-saude-da-populacao>. Acesso em 7 mar. 2025.

<sup>4</sup> Ferdinand argumenta que o *Plantationoceno* vai além das trocas comerciais, persistindo nas instituições públicas, universidades e serviços estatais. O termo revela violências nos locais de produção, hierarquias raciais e misóginas, desigualdades, formas de escravidão e miséria, além de riscos sanitários e tóxicos, evidenciando a produção política dos Negros do mundo. Ferdinand define o *Negroceno* como a outra face do *Plantationoceno*, resultante da escravidão colonial, que moldou o consumo de recursos naturais e as relações com seres não humanos.



### Quintais como espaços vitais:

#### Alianças interespécies e protagonismo feminino diante da continuidade da COVID-19

Priscila Fazio Rabelo

pontuar logo de início que essa região, antes da invasão portuguesa, era ocupada por povos indígenas, principalmente da etnia Tabajara, que se deslocaram das margens do rio São Francisco para o Litoral Sul da Paraíba (Soares, 2014; Mura, Palliot & Marques, 2015; Marques, 2015) e que após a chegada dos colonizadores, o Conde passou por um intenso processo de extração de pau brasil, inclusive com uso de mão de obra indígena e através da *plantation* da cana-de-açúcar com o uso de mão de obra de povos africanos escravizados.

Na década de 1970, a partir da política econômica do Pró-Álcool, houve uma significativa expansão da cultura da cana-de-açúcar e do processo de latifundização nessa região. É a partir desse contexto que acontece “a eclosão dos conflitos pela ocupação e posse da terra. Já os anos de 1980 foram marcados pelos conflitos agrários do litoral sul paraibano, como: Gurugi, Barra do Gramame e Tambaba” (Soares, 2014, p.38). Ainda na década de 80 foi construída a estrada PB – 008, através do Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste PRODETUR – NE. A execução desse projeto passou a ser o principal fator de ocupação imobiliária e desenvolvimento turístico na região. Aqui ressaltamos que essa ocupação é marcada desde então pela presença de capital estrangeiro na compra de grandes áreas para a construção de *resorts*, condomínios e hotéis. Nesse sentido, tanto o assentamento Tambaba, como a aldeia Barra de Gramame são territórios marcados por conflitos socioambientais e lutas de reconhecimento de terras tradicionalmente ocupadas por essas populações. Segundo Soares (2014, p.34) em relação ao assentamento Tambaba, os conflitos decorrem da “ocupação imobiliária, da indústria do turismo e do processo de enobrecimento que ocorrem na APA Tambaba e seu entorno comandado por agentes econômicos e políticos”.

O Sítio Tambaba faz parte do bioma da Mata Atlântica, tendo sua vegetação marcada por espécies vegetais e animais endêmicas e também por espécies alimentícias como a mandioca, inhame, batata doce, mangueiras, cajueiros e coco anão, essas últimas produzidas a partir da agricultura familiar e de subsistência. Atualmente, segundo o presidente da Associação Solon Farias, conta-se a presença de 65 famílias, das quais 23



## Quintais como espaços vitais:

### Alianças interespécies e protagonismo feminino diante da continuidade da COVID-19

*Priscila Fazio Rabelo*

pessoas assentadas compõem a Associação de Trabalhadores Rurais<sup>5</sup>. Já a aldeia Tabajara Barra de Gramame possui 4,5 hectares e está localizada no município de Conde a aproximadamente 23 km do centro de João Pessoa e a 6 km do distrito de Jacumã. A entrada para a aldeia está sinalizada por uma placa na rodovia PB- 008. A estrada de terra é povoada por árvores frutíferas, plantas endêmicas da mata atlântica e roçados composto por espécies vegetais como a macaxeira, o inhame e o feijão, além das ervas medicinais.

Situado o contexto global e local, este artigo busca resgatar a importância dos quintais como espaço os vitais no enfrentamento da pandemia da COVID-19, isso porque, os quintais são uma paisagem comum tanto na aldeia, quanto no assentamento. As narrativas sobre o cuidado destes espaços também apareceram nas minhas primeiras conversas com as interlocutoras de pesquisa e também nas partilhas em reuniões com o orientador desta pesquisa, Estêvão Palitot. Sendo assim, partimos do pressuposto de que, os quintais, enquanto espaços de co-criação de vida, ocupam em comunidades rurais e indígenas, uma dimensão significativa na análise antropológica. Inclusive, em relação aos impactos na produção e consumo de bens materiais e simbólicos em contexto pandêmico.

Na definição geográfica, os quintais, em sua dimensão espacial, são caracterizados como o lugar ao redor da morada. É nessa pequena parcela territorial onde podemos encontrar o lócus basilar da reprodução da vida social, dos vínculos microssociais e da reciprocidade. São nos quintais onde se desenvolvem os costumes tradicionais, o trabalho de cuidado, a transmissão de saberes e atividades ligadas à espiritualidade (Furlan, Brisola, Soares Neto & Ribeiro, 2017; Pinilla & Oliveira, 2019). Além disso, este espaço concentra uma pluralidade de atividades cruciais para a sobrevivência, como por exemplo, a produção de alimentos a partir da agricultura de subsistência, das ervas medicinais na manutenção da saúde ou ainda a produção de artesanatos para comercialização.

---

<sup>5</sup> Solon Farias é presidente da Associação dos Trabalhadores do Assentamento Sítio Tambaba. Foi criado pelos avós, de quem herdou o respeito pela terra e a luta por direitos. Seu tio, Damião Cardoso de Faria, foi um importante militante na luta pela terra, influenciando sua trajetória.



**Quintais como espaços vitais:  
Alianças interespécies e protagonismo feminino diante da continuidade da COVID-19**  
*Priscila Fazio Rabelo*

Desta forma, a partir dessa demarcação do quintal como local de contato, análise e reflexão antropológica, consideramos relevante observar, para além dos aspectos socioeconômicos da produção e consumo, também outros marcadores de diferença que atravessam indígenas e assentados, como as relações de gênero e as relações interespécies.

**Olhar ao redor da morada, olhar ao redor das mulheres: quintais como espaços vitais**

Considerando essas observações sobre a organização social, política, econômica e ecológica dos grupos domésticos em comunidades rurais e indígenas, é relevante sugerir o quintal como um local etnográfico fundamental nas dinâmicas de produção e consumo no contexto da pandemia da COVID-19. Isso se deve ao fato de que nesses espaços ocorre a reprodução da vida material e simbólica, como o cultivo de roçados e ervas medicinais, além da transmissão de saberes, técnicas e o cuidado multiespécie. Os quintais são especialmente pertinentes, porque foi ao redor da morada que se cumpriu um dos protocolos mais impactantes durante o período crítico da pandemia: o isolamento social, a partir da campanha nacional “Fique em Casa”. Essa relação íntima entre os quintais e as estratégias adotadas para enfrentar a pandemia torna esse espaço um ponto crucial para analisar as práticas cotidianas das comunidades e as formas de resistência e resiliência diante dos desafios impostos pelo contágio viral.

Furlan, Brisola, Soares Neto & Ribeiro (2017) buscam, através de uma revisão bibliográfica, dimensionar a importância dos quintais na garantia de segurança alimentar, a partir da produção de alimentos, da saúde individual e comunitária, através do conhecimento e das práticas da medicina popular, da preservação etnobotânica e ainda da preservação do patrimônio cultural e ambiental a partir do cuidado, realizado majoritariamente por pessoas do gênero feminino<sup>6</sup>. Furlan, Brisola, Soares Neto & Ribeiro

---

<sup>6</sup> A partir de uma perspectiva histórica feminista entende-se que o cuidado é uma forma de trabalho onde não há remuneração ou garantias trabalhistas feito majoritariamente por mulheres o qual o capitalismo tem lucrado. Essas considerações decorre sobretudo, a partir das contribuições de Silva Federici na sua obra “O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista” publicado em língua portuguesa em 2019.



### Quintais como espaços vitais:

#### Alianças interespécies e protagonismo feminino diante da continuidade da COVID-19

*Priscila Fazio Rabelo*

afirmam que a partir da revisão bibliográfica fica evidente, tanto a importância dos quintais, quanto o fato de que as mulheres têm sido as principais responsáveis na gestão destes espaços.

Esse artigo parte da ideia de que os quintais, para além de serem espaços adjacentes às residências, são unidades de paisagem e de sociabilidade em que o conhecimento, em específico, a partir da relação entre mulheres e plantas medicinais, aparece como fator significativo em termos de valorização da sabedoria popular e no enfrentamento da COVID-19. Sem mencionar o termo interespécie ou multiespécie, afirmam que o trabalho na manutenção dos quintais demanda uma óptica capaz de compreender a interconectividade entre a espécie humana e vegetal dentro dos quintais, sejam nas periferias das cidades, sejam em comunidades tradicionalmente ocupadas. Em relação ao conhecimento popular, muitas vezes passado de forma geracional, pontuam que esses conhecimentos estão ancorados “na história de vida, das relações estabelecidas com as plantas e com os grupos sociais (vizinhos e parentescos) com os quais compartilham a arte de plantar, colher e conservar” (Furlan, Brisola, Soares Neto & Ribeiro, 2017, p.161)

Dito de outra forma, os quintais aparecem como espaços cruciais na reprodução da vida multiespécie e no desenvolvimento de práticas culturais, sociais e econômicas locais, desde de o feitio de roçados, produção agroflorestal, farmácia viva<sup>7</sup>, artesanatos até cerimônias ancestrais, espirituais e de cunho religioso. A partir da revisão teórica, destacam que os quintais apresentam uma forma de uso tradicional do solo e que fatores de ordem ecológica, socioeconômica e cultural influenciam diretamente as variações de espécies que compõem esses espaços, a sua forma estrutural e a finalidade dos quintais.

No caso dos quintais domésticos nas comunidades rurais, Furlan, Brisola, Soares Neto e Ribeiro recuperaram a partir de Oakley (2004) a afirmação de que esses espaços são

<sup>7</sup> De acordo com a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) do Ministério da Saúde, do ano de 2018, comprehende-se por Farmácia Viva “todas as etapas, desde o cultivo, a coleta, o processamento, o armazenamento de plantas medicinais, a manipulação e a dispensação de preparações magistrais e oficinais de plantas medicinais e fitoterápicos”. Importa lembrar que desde 2010 o Ministério da Saúde passou a instituir no SUS esse recurso fitoterápico. Ver mais em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/folder/politica\\_nacional\\_praticas\\_sus\\_fitoterapia\\_folder.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/folder/politica_nacional_praticas_sus_fitoterapia_folder.pdf). Acesso em 19 dez. 22.



### Quintais como espaços vitais:

#### Alianças interespécies e protagonismo feminino diante da continuidade da COVID-19

*Priscila Fazio Rabelo*

verdadeiros “reservatórios de agrobiodiversidade”. Além disso, afirmam que a qualidade de vida e a geração de renda familiar de quem pratica a agricultura depende da configuração desses espaços, ou seja, do seu tamanho, densidade e riqueza. No tocante à sustentabilidade, a partir de Altieri (1999), destacam que “os sistemas de quintais, além de diversificar a dieta e retorno financeiro, proporcionam a redução da incidência de pragas nas plantas cultivadas, o uso eficiente da mão-de obra, boa produção com recursos limitados e níveis tecnológicos baixos” (Furlan, Brisola, Soares Neto & Ribeiro, 2017, p. 163). Ainda referente ao levantamento bibliográfico, os autores destacam a quantidade de trabalhos qualitativos que identifica as mulheres enquanto protagonista na produção e manutenção dos quintais e guardiãs dos conhecimentos sobre o uso e cultivo de espécies vegetais<sup>8</sup>.

Nara Pinilla e Maria do Socorro Oliveira (2019), em um artigo sobre a percepção de mulheres agricultoras sobre os quintais rurais, enfatizam que o quintal é culturalmente percebido como uma extensão da casa e, de acordo com a divisão sexual do trabalho, esse espaço adjacente também se torna uma extensão das tarefas domésticas e do cuidado, historicamente atribuídos às mulheres. As autoras afirmam que os quintais concentram, dentro das pequenas propriedades, as atividades não comerciais mais relevantes para as famílias agricultoras, tanto a partir da manutenção das tradições culturais quanto na consolidação de alternativas ao modelo hegemônico na produção de alimentos. As autoras destacam que os quintais vêm recebendo relevante atenção por feministas que constroem o movimento agroecológico em território nacional. Para essas feministas há a necessidade de compreender em que medida as relações de poder, na constituição destes espaços, colaboram para invisibilizar essas mulheres e, portanto, interferindo negativamente no acesso às políticas públicas.

As autoras concluem que o quintal é um espaço significativo para as mulheres, devido a pluralidade de atividades que abrange, desde as tarefas cotidianas até a partilha dos afetos e o cuidado com outras espécies. Em outras palavras, o quintal “é o espaço de

<sup>8</sup> Furlan, Brisola, Soares Neto & Ribeiro (2017) citam uma série de autorias como, por exemplo: Winklerprins, 2002; Constantini, 2005; Rosa, Silveira, Santos, Modesto, Perote & Vieira, 2007; Freitas, 2016.



### Quintais como espaços vitais:

#### Alianças interespécies e protagonismo feminino diante da continuidade da COVID-19

*Priscila Fazio Rabelo*

possibilidade e concretude da autonomia, de ressignificar o trabalho e fortalecer o ser mulher e ser agricultora” (Pinilla & Oliveira, 2019, p. 132).

No contexto da pandemia da COVID-19, as mulheres vêm exercendo também um papel fundamental na garantia dos protocolos de saúde e no trabalho do cuidado permanente. Os quintais da aldeia Barra de Gramame e do assentamento Sítio Tambaba foram elementares para reduzir o contágio do vírus SARS CoV-2 e os impactos da pandemia, principalmente a partir da produção do roçado, das ervas medicinais e do cumprimento do isolamento social. No sítio Tambaba, em uma das primeiras idas à campo, em especial na entrevista com Ednalva<sup>9</sup>, ela partilha que no período em que o restaurante permaneceu fechado, sua prática principal passou a ser o cuidado com o quintal, repleto de flores e outros vegetais. Ao caminhar por dentro do assentamento e observar a composição interespécie pude perceber que os quintais são espaços em que é perceptível a prática contínua do cuidado.

Santos (2023, p.59), ao abordar a arquitetura e o contracolonialismo, afirma que a parte mais necessária dos quilombos (mas aqui podemos incluir assentamentos e aldeias) são os quintais. A partir da sua vivência e reflexão, Nêgo Bispo afirma que “o quintal é essencial porque é onde as crianças aprendem a fazer tudo. É também onde guardamos espaço para construir a casa de quem vai nascer, as casas das próximas gerações”, ou seja, é onde se transmite os saberes que compõem os modos de vida, é onde se garante a continuidade e a permanência de uma pluralidade de vidas. Além disso, os quintais são os espaços onde acontecem os rituais. Em uma das últimas conversas com Iraê, peço para que ela me conte um pouco sobre a sua relação com o quintal, pensando que esse é o lugar onde acontece o trabalho do cuidado, a transmissão de saberes e o desenvolvimento da espiritualidade<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> Ednalva Calixto do Nascimento é trabalhadora do Restaurante Brasilândia localizado no Sítio Tambaba. Ela partilha que no período em que o restaurante permaneceu fechado, sua prática principal passou a ser o cuidado com o quintal, repleto de flores e outros vegetais.

<sup>10</sup> bell hooks ao propor o amor enquanto desejo intenso e empenho na promoção do próprio crescimento espiritual e/ou de outras pessoas entende o espiritual, a partir das reflexões de Scoot Peck, como uma força vital presente em cada pessoa. É a partir dessa consideração que destaco a relação entre os quintais e o desenvolvimento espiritual. Vale ainda observar que no caso do povo indígena Tabajara, essa força vital também carrega uma ancestralidade e a própria relação com os encantados.



**Quintais como espaços vitais:  
Alianças interespécies e protagonismo feminino diante da continuidade da COVID-19**  
*Priscila Fazio Rabelo*

Iraê<sup>11</sup>, moradora da aldeia Barra de Gramame, começa destacando que o quintal é um espaço de espiritualidade, onde se cultiva a terra que forma todas as vidas, o lugar de fortalecimento da cura, do espírito e o lugar onde acontece os rituais, os eventos, onde recebe seu povo. Iraê reforça a questão da intensidade da espiritualidade do quintal e de como esse espaço é essencial, já que é no quintal onde ela planta, se alimenta, se pinta e participa dos rituais.

Então pra mim, tá debaixo daquele pé de Sapucaia é uma espiritualidade. É um pé de Sapucaia sagrado aonde nasce uma combuca né. Essa combuca a gente usava muito pra bota farinha, sal e usa ainda se for necessário, do nossos antepassados, então a minha conexão pelo meu quintal é essencial. Sentir a presença dos meus antepassados também, principalmente a noite, a conexão, a espiritualidade ali é muito forte, a gente sente, a gente vê, escuta eles andando, então a conexão disso aqui, tudo isso aqui é uma espiritualidade né?! O cuidar, cultivar é nascer, tá entendendo? [...] O quintal faz parte desse cultivo. É o cotidiano de nois (Registro de campo, 17 abril. 2023).

Quando Iraê partilha que estar debaixo do pé de Sapucaia é uma espiritualidade e que aquela árvore é sagrada ela está nos comunicando que a relação entre ela e os vegetais não se resume a uma lógica puramente material de produção e consumo. Não se planta, cultiva e cuida daquele ser vivo simplesmente porque há o uso de sua sombra, da combuca ou de suas propriedades medicinais. Mas principalmente porque há uma relação de espiritualidade entre essas pessoas e os vegetais que ali também habitam. Ao expor o processo do feitio das garrafadas, Iraê expressa a relação de espiritualidade a partir do ritual para a confecção do remédio. Em outro momento, ao perguntar sobre o feitio dos lambedores, essa questão espiritual volta a aparecer quando questiono se as plantas e ervas utilizadas são aquelas cultivadas na farmácia viva ou se ela as recolhe pelos caminhos. Nesse momento, outra voz junto à Iraê me intercede dizendo “não as que encontram no caminho”.

Iraê me explica que nesses feitiços não se pode utilizar as plantas que encontramos pelos caminhos. Isso porque é necessário haver uma conexão com a mata em lugares que

---

<sup>11</sup> Iraê Tabajara é liderança feminina e fundadora do grupo MOARA, que une a organização de mulheres do povo Tabajara à espiritualidade e cuidado dos corpos-territórios. Atua na luta coletiva por direitos e melhorias para sua aldeia – Barra de Gramame- , com foco no fortalecimento das mulheres. Também preserva e transmite saberes ancestrais, como o uso de ervas medicinais.



**Quintais como espaços vitais:  
Alianças interespécies e protagonismo feminino diante da continuidade da COVID-19**  
*Priscila Fazio Rabelo*

“não passa ninguém”<sup>12</sup>. Ela ainda me explica que toda mata ao redor do quintal é uma farmácia viva “começando a do remédio rasteira até a mata”. Iraê também vai contando sobre a finalidade dos lambedores “gastrite, pneumonia, bronquite, catarro pegado no peito, pra garganta”.

Porque aqui tem muito remédio que a gente trabalha com ele fazendo lambedor. É o cupim do cajueiro roxo, é a cebola do mato, que é o alcaçuz, que é a vassourinha de botão, que é o espinho cigano que é do mato rasteirinha [...] então a gente trabalha aqui com essa área do quintal mais pra dentro da mata. A gente não pode usar assim perto de casa. A gente pode ter um bocado de remédio ali na frente de casa, mas eu não posso usar ele porque ali ele tá sendo enguiçado, como passa todo dia aí não pode. Tá entendendo? (Registro de campo, 17 abril. 2023).

Retomando as partilhas sobre o uso e consumo de lambedores e garrafadas para o fortalecimento imunológico e no tratamento da COVID-19, podemos pressupor que a eficiência desses processos ocorre para além das propriedades medicinais dos vegetais. A eficiência desse cuidado e, portanto, a preservação da vida depende também da relação espiritual que atravessa o feitio desses fitoterápicos. Em outras palavras, a ausência de óbitos, de pessoas internadas na UTI ou ainda a recuperação está intrinsecamente relacionada a existência dos quintais enquanto emaranhado interespécie entre humanos, não humanos e mais-que-humanos (como por exemplo, os encantados).

Outra questão que parece pertinente questionar é sobre a dedicação e o trabalho para manutenção desses espaços. Nesse sentido, pergunto à Iraê quem faz o trabalho de limpeza do quintal e quantas horas em média é preciso para cuidar daquele espaço. Iraê conta que quando ela tira o dia para limpar o quintal, é só o quintal e que geralmente é o dia todo, ou seja, inicia pela manhã e termina no final da tarde. Essas limpezas geralmente acontecem quando o quintal está sendo preparado para algum evento ou ritual. Nesses dias são tiradas uma pequena comissão para realizar a função. Em outros momentos de manutenção da limpeza desses espaços, Iraê conta que vai limpando sozinha até aparecer

---

<sup>12</sup> Segundo Santos (2023, p.76) “Dentro da cosmovisão Tabajara existem conhecimentos biofísicos e bioquímicos das plantas, há padrões na colheita e uso das plantas. Eles têm horário, local, quantidade e maneira específica para colher e utilizá-las. Conceitos que os Tabajara entendem como parte do processo de preparo de um remédio natural, sua eficácia e cura”



### Quintais como espaços vitais:

#### Alianças interespécies e protagonismo feminino diante da continuidade da COVID-19

*Priscila Fazio Rabelo*

alguém que queira compartilhar dessa tarefa com ela. Após a limpeza do quintal, é comum que ela retorne para a casa para continuar com os trabalhos domésticos.

Pergunto à Iraê se o quintal durante a pandemia ajudou ela em relação aos cuidados com a saúde mental. Iraê me explica que sim, que quando ela saia para limpar o quintal também havia uma conexão de inspiração do ar: “de sentir o ar puro”. Além disso, me conta que “no começo da pandemia foi um momento pra lapida, lapida mais, recebe uma conexão diferente, uma energia diferente” e que passou a maior parte do tempo no quintal “ali no fogão de lenha fazendo lambedor”. Isso porque já era assim e continua sendo. Iraê conta que entra em casa só para fazer os trabalhos domésticos e dormir e que ela se sente melhor no quintal, porque este é o espaço em que ela tem maior conexão.

Quando Iraê nos diz que era assim e continua sendo, uma possível reflexão acerca da existência desses quintais é que os modos de vida e as confluências entre uma pluralidade de vida nesses espaços foi crucial para garantir a sobrevivência dessas duas comunidades diante do contexto pandêmico. Quando Santos (2023, p.102) questiona o porquê houveram menos pessoas doentes nos quilombos na pandemia, ele também lembra das palavras de um outro mestre que defende que nos quilombos não há aglomerações e sim relacionamentos “Aglomeraciones são feitas de corpos que não se conhecem, que não se tocam. E como não se relacionam, não se imunizam. Nós, que nos relacionamos, que abraçamos, estamos imunizados”.

Se ampliarmos essa perspectiva para além das relacionalidades entre pessoas humanas e considerar todos os outros fluxos de vida, suas interações e temporalidades distintas podemos afirmar que os quintais são em si organismos vivos que estão muito além de serem considerados somente territórios. Além disso, embora tenha havido um forte impacto em diversos territórios tradicionalmente ocupados, mortes, internações e infecções, é preciso compreender que a confluência de uma série de acontecimentos possibilitou quadros distintos em diferentes localidades.

Em resumo, o que quero dizer é que não se pode afirmar que os impactos foram semelhantes, que todos os povos foram afetados de maneira brutal pela COVID-19. A aldeia Barra de Gramame e o assentamento Sítio Tambaba, a partir de uma série de agenciamentos, produziu uma outra realidade diante do contexto da pandemia, os



**Quintais como espaços vitais:  
Alianças interespécies e protagonismo feminino diante da continuidade da COVID-19**  
*Priscila Fazio Rabelo*

impactos foram atenuados a partir das alianças interespécies, principalmente entre mulheres e plantas. As pluralidades de vida foram preservadas. Houve ali um movimento de *contracolonização* frente às medidas de gestão da pandemia pelo Estado colonialista. Como nos diz Santos (2023, p. 48):

No começo da pandemia de COVID-19, alguns setores da sociedade fizeram alarde: ‘Os quilombolas vão morrer, os indígenas vão morrer, eles vão morrer primeiro porque são os mais fragilizados’. Inventaram que somos mais fragilizados.

A partir desta contribuição de Nêgo Bispo, questiono a quem interessa essa narrativa de fragilidade e vulnerabilidade em relação aos povos contracoloniais? Em parte, argumento que o principal beneficiário é o próprio capitalismo e o Estado colonialista. Como dizer que essas populações são frágeis se, mesmo com uma renda mensal baixa, diante dos conflitos, diante das violências que marcam seus territórios, diante de um contexto pandêmico, elas não só sobrevivem, como também continuam se alimentando, propagando práticas de cuidado com a saúde? Em outras palavras, porque o capitalismo e o Estado temem a propagação de narrativas não hegemônicas que afirmam que esses povos são povos de abundância? Abundância, porque consideram a terra como um organismo vivo que deve ser cuidado, cultivado e que provém o necessário para viver. Abundância, porque nesses territórios há a transmissão de saberes que são passados de geração em geração e que apesar do epistemicídio continuam sendo perpetuados. Abundância, por conter uma pluralidade de vegetais que auxiliam na saúde, fortalecem a imunidade, tratam e curam doenças. Abundância, porque a conexão com os encantados, com a espiritualidade auxilia nos atravessamentos de momentos difíceis como no contexto da pandemia. Se por um lado as narrativas do capitalismo e do Estado são constituídas a partir da episteme da modernidade/colonialidade baseada unicamente na experiência humana, por outro as histórias tecidas pelos povos contracoloniais são fundamentais na construção de outras leituras de mundo. Como nos lembra Krenak (2022, p.37-38)

[...] não podemos nos render à narrativa de fim de mundo que tem nos assombrado, porque ela serve para nos fazer desistir dos nossos sonhos, e dentro dos nossos sonhos estão as memórias da Terra e de nossos ancestrais. Estamos vivendo num mundo onde somos obrigados a mergulhar profundamente na terra para sermos capazes de recriar



## **Quintais como espaços vitais: Alianças interespécies e protagonismo feminino diante da continuidade da COVID-19**

*Priscila Fazio Rabelo*

mundos possíveis. Acontece que, nas narrativas de mundo onde só o humano age, essa centralidade silencia todas as outras presenças. Querem silenciar inclusive os encantados, reduzir a uma mímica isso que seria “espiritar”, suprimir a experiência do corpo em comunhão com a folha, com o líquen e com a água, com o vento e com o fogo, com tudo que ativa nossa potência transcendente e que suplanta a mediocridade a que o humano tem se reduzido.

Nesse sentido, foi possível verificar que nos campos etnográficos dessa pesquisa, houve um movimento contrário ao movimento hegemônico da pandemia, ou seja, houve a preservação da vida e a contenção na circulação e no contágio do vírus. Isso porque o trabalho do cuidado com o território e com a comunidade deu continuidade durante a pandemia a um modo de vida baseado na reciprocidade entre pessoas, vegetais e animais, em parte norteado pelos saberes ancestrais e pela memória de luta e resistência, inclusive contra o genocídio em curso desde a colonização.

Partindo dessa perspectiva do quintal enquanto organismo fundamental para assegurar a vida durante a pandemia, a seguir, procuro elucidar como o manejo da COVID-19 pelas mulheres da aldeia Barra de Gramame e do assentamento Sítio Tambaba, longe de ser uma característica particular desses territórios pode ser considerada enquanto uma tendência global de luta, resistência e resiliência diante das violências do capitalismo, seu modo de habitar a Terra e, consequentemente, na produção de doenças.

### **Conclusões Finais**

Retomando em um movimento de circularidade novamente o contexto global, gostaria de iniciar resgatando um dos textos que me implicou a pensar a relação entre gênero e pandemia. Dois meses depois de declarado estado de emergência global, Silvia Federici (2020, s/p) em uma breve reflexão nomeada “capitalismo, reprodução e quarentena” afirma que a pandemia tornou visível injustiças que ocorrem todos os dias, como as guerras, os despejos e a contaminação ambiental. Federici lembra que são as mulheres indígenas, do campo e das periferias que compõem a linha de frente “na luta por uma sociedade distinta, por uma reprodução que nos dê vida, que nos dê um futuro, que nos nutra – e que não nos mate”, inclusive na pandemia. Por outro lado, Federici lembra também que, no sistema capitalista, o problema fundamental que o torna insustentável é



### Quintais como espaços vitais:

#### Alianças interespécies e protagonismo feminino diante da continuidade da COVID-19

*Priscila Fazio Rabelo*

sua base na subordinação da reprodução da vida em prol do lucro por meio da exploração. Ela argumenta que esse objetivo fica evidente nas medidas políticas e econômicas adotadas para conter o avanço da pandemia. Além disso, para Federici (2020, s/p):

Como sempre, as mulheres sofrem mais também agora. Hoje, podemos ver que elas estão na linha de frente como trabalhadores da assistência social e de sanitária, e mesmo nos trabalhos mais precarizados. Há ainda uma carga maior do trabalho em casa: cuidar dos filhos em tempo integral, não lhes transmitir medo, protegê-los dessa ameaça. Tudo isso visibiliza a importância da reprodução. “Reprodução” é uma palavra que ainda se refere a muitas realidades diferentes, mas conectadas. Reprodução é cuidado, educação, culinária, acompanhamento de doentes. E também o cuidado da natureza.

Partindo dessas considerações iniciais, podemos afirmar que na aldeia Barra de Gramame e no assentamento Sítio Tambaba as mulheres, a partir das alianças multiespécies, garantiram durante o contexto da pandemia a reprodução da vida. Partindo de uma perspectiva antiespecista, podemos ainda acrescentar que essa reprodução é constituída a partir de uma pluralidade de seres orgânicos e abióticos. Por esse motivo, considero pertinentes as reflexões da filósofa feminista argentina Anahí González (2019) quando a mesma recorre a articulação entre a noção de precariedade em Butler (2019) e a proposta de alianças multiespécies de Preciado (2014).

González destaca a precariedade como um lugar privilegiado para pensar as alianças ético-políticas. Isso porque a precariedade é um campo onde se pode estabelecer alianças entre grupos marcados pela subalternidade, ou seja, que partilham desta condição comum da não normatividade, ou seja, pessoas racializadas, animais não humanos, seres vegetais. A partir dessas alianças seria possível tecer redes de resistência e enfrentamento a regimes hierárquicos e opressivos. Isso porque “As alianças multiespécies, como denomina Preciado, convocam outras formas de tecer o espaço do comum, a reinvenção de outros mundos, onde sejam possíveis espaços de cuidado que conduzam a uma redistribuição da precariedade coletiva” (González, 2019, p. 66. tradução minha).

Tanto a aldeia, quanto o assentamento e, em específico as mulheres, que habitam esses territórios compartilham da condição de precariedade. Como argumenta Butler (2019, p. 65), a precariedade para além de atravessar a condição social e econômica e produzir alianças potenciais, é também “a rubrica que une as mulheres, os queers, as



## Quintais como espaços vitais:

### Alianças interespécies e protagonismo feminino diante da continuidade da COVID-19

*Priscila Fazio Rabelo*

pessoas transgêneras, os pobres, aqueles que habilidades diferenciadas, os apátridas, mas também as minorias raciais e religiosas". Já para Anna Tsing (2022), a precariedade não pode ser entendida enquanto condição de exceção, mas sim enquanto regra que marca o contexto contemporâneo. Sendo assim, Tsing (2022, p. 64) sugere que a precariedade é a condição dominante do nosso tempo:

A precariedade é a condição de estarmos vulneráveis aos outros. Os encontros imprevisíveis nos transformam; não estamos no controle, nem de nós mesmos. Incapazes de contar com uma estrutura estável de comunidade, somos jogados em agenciamentos instáveis, que nos refazem e também transformam nossos outros. Não podemos confiar no status quo, tudo está em fluxo, incluindo nossa capacidade de sobreviver [...] Um mundo precário é um mundo sem teleologia. A indeterminação – a natureza não planejada do tempo – é assustadora, mas pensar a partir da precariedade evidencia que a indeterminação também torna a vida possível.

Se a precariedade é a marca do nosso tempo e se, em certa medida, ela foi acentuada pelo contexto pandêmico, podemos supor que sobreviver a essa condição depende para além das alianças, de estratégias de resistência e resiliência. No caso das comunidades tradicionalmente ocupadas e das mulheres que compõem a linha de frente na garantia da reprodução da vida, essas estratégias são desencadeadas a partir da retomada da memória ancestral dos saberes tradicionais e da memória ancestral de luta.

Gersem Baniwa (2021, p.9), ao abordar a pedagogia da resiliência indígena diante da pandemia, argumenta que os povos indígenas em geral possuem referências existências, como a reciprocidade, a generosidade, a serenidade, a solidariedade e o respeito com a natureza e o cosmo que possibilita enfrentar situações de desastres e doenças e que "em consequência dos seus processos educativos aprenderam a superar momentos de profundas adversidades". Além disso:

Os povos indígenas estão reaprendendo com a dor e o sofrimento pelas mortes de seus membros a valorizar e potencializar ainda mais seus valores ancestrais, como o profundo amor à vida, ao outro, à natureza, aos saberes tradicionais próprios, à solidariedade, aos modos de vida coletivos e comunitários. Reaprendendo a reconhecer e remanejar seus limites, mas também redescobrindo suas potências como no caso dos seus saberes no campo da medicina tradicional e mergulhando na realidade profunda em que vivem. É assim que a força da solidariedade, a potência dos saberes tradicionais e as dádivas resultantes do profundo respeito à natureza estão sendo essenciais e vitais para o enfrentamento da pandemia pelos povos indígenas, diante da ausência de políticas públicas e da omissão imoral dos governantes (Baniwa, 2021, p. 10).



**Quintais como espaços vitais:  
Alianças interespécies e protagonismo feminino diante da continuidade da COVID-19**  
*Priscila Fazio Rabelo*

A potência dos saberes tradicionais e a utilização da medicina tradicional, através dos usos de garrafadas e lambedores confeccionados pelo grupo de mulheres MOARA, na aldeia Barra de Gramame, ou por Dona Moça, Nevinha e outras mulheres no assentamento Tambaba possibilitou a continuidade da vida e a redução dos impactos da pandemia<sup>13</sup>. Além disso, como argumenta a antropóloga indígena e integrante do grupo MOARA, Taíza Nunes Santos (2023), a prática da medicina tradicional é um elemento fundamental que justifica, em termos legais, a ocupação tradicional dos territórios assegurados pela constituição federal no artigo 231 e 232<sup>14</sup>. Partindo dessa relação entre corpo e território Tabajara e no protagonismo dessas mulheres na promoção contínua da saúde, Santos (2023, p. 54) afirma que:

[...] é importante destacar o papel fundamental que nós mulheres exercemos no itinerário de cuidados com saúde, pois estamos sempre atentas aos cuidados básicos da aldeia, cuidando das crianças, a começar pela própria família, projetando esse cuidado através de ações práticas como o plantio de hortaliças dentro da aldeia vitória, organização, planejamento e manejo dos remédios naturais produzidos na farmácia viva das MOARA, e se preocupando com as ferramentas de produção e reprodução midiática, expandindo e compartilhando o conteúdo da luta, criando uma espécie de mídia independente indígena, que as mulheres da yby-rapó kuhnã da aldeia nova conquista agenciam. Ou seja, o protagonismo vivo das mulheres indígenas Tabajara em vários setores, desde da organização social em suas casas e famílias, se expandindo para a luta pela conquista dos direitos das mulheres através da organização de pautas para construção política e demarcação do território.

As considerações de Santos destacam alguns elementos fundamentais sobre o protagonismo feminino. Um desses elementos é que essas mulheres estão na linha de frente tanto no cuidado cotidiano de pessoas e de espaços, quanto na luta pela demarcação do território, além disso essa articulação extrapola os próprios limites

---

<sup>13</sup> Dona Moça foi a primeira moradora do Sítio Tambaba, onde construiu sua vida com a família desde o início da ocupação. Reconhecida e querida pela comunidade, enfrentou despejos e dificuldades, resistindo com determinação. Criou seus filhos enquanto reconstruía seu lar, mantendo-se firme na luta pela terra e pelos direitos de sua comunidade. Nevinha Silva se apresenta como “primeiramente mãe, primeiramente amiga e uma empreendedora que tem o prazer de ajudar todo mundo que vive dentro dessa comunidade”. Nevinha é empreendedora da casa de doce e idealizadora do shopping rural do Sítio Tambaba que hoje conta com mais de 13 empreendimentos dentro do assentamento.

<sup>14</sup> Taíza Nunes (Tai Tuwixa'wā) da etnia Cariri, faz parte da articulação de mulheres indígenas da Paraíba a AMIP, faz parte do grupo MOARA da aldeia Barra de Gramame e dentro do território luta pela garantia da demarcação territorial e o direito das mulheres. Tai também é graduada, mestra em ciências sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e poetiza.



### Quintais como espaços vitais:

#### Alianças interespécies e protagonismo feminino diante da continuidade da COVID-19

*Priscila Fazio Rabelo*

geográficos da aldeia Barra de Gramame, já que essa articulação é formada pelas mulheres que habitam a aldeia Vitória, Nova Conquista Taquara e as periferias de João Pessoa. Ainda segundo Santos, o ativismo de mulheres Tabajara na luta pela demarcação busca a garantia dos direitos a partir de uma agenda de luta coletiva produzida pelas próprias mulheres Tabajara, o que segundo a antropóloga, é um processo fundamental para a reativação da memória coletiva, o fortalecimento da tradição, dos laços comunitários e da rede de trocas. Além disso:

Ancorado no território, o saber é corporificado, constituindo os Tabajara como um corpo coletivo, em diálogo com o corpo território (...) O corpo é ativo na vida social e situado politicamente, o corpo e o território são indissociáveis nas representações coletivas, construídas por múltiplos significados, que estão continuamente imersos em torno do corpo político do território (Santos, 2023, p. 73-74).

A partir dessa compreensão de continuidade e inseparabilidade entre corpo e território, podemos argumentar que a redução dos impactos da pandemia, a partir da produção e consumo de remédios naturais é fruto das alianças interespécies entre mulheres, plantas e encantados que povoam esses territórios. Essa relação não é exclusiva da aldeia Barra de Gramame ou do assentamento Sítio Tambaba. Como demonstra Larissa Portugal (2022), as mulheres Pataxó da Boca da Mata, na Bahia, também se fortaleceram e atravessaram a pandemia a partir dessa relação, inclusive iniciando um projeto de farmácia viva e confeccionando remédios naturais para comercialização, como forma de complementação da renda econômica. Portugal também destaca a relação entre a esfera espiritual e as ervas medicinais, visto que suas interlocutoras de pesquisa relatam que a orientação das ervas ou formas de uso são também frutos de sonhos com entidades espirituais.

Para além do contexto pandêmico, é importante ressaltar que a relação que as mulheres indígenas, quilombolas e assentadas têm construído com os territórios e com a pluralidade de vidas humanas, não-humanas e mais-que-humanas promove um modo de vida baseado no respeito, na coletividade, no bem-comum e no bem-viver. Nesse sentido, argumento que se, por um lado, há uma série de violências que o capitalismo exerce antes e durante a pandemia, por outro lado, argumento que o trabalho cotidiano das mulheres



## Quintais como espaços vitais:

### Alianças interespécies e protagonismo feminino diante da continuidade da COVID-19

*Priscila Fazio Rabelo*

contra práticas ecodepredativas e no cuidado com a terra é um movimento global em ascensão.

Como demonstra Svampa (2019), o protagonismo feminino nas lutas ecoterritoriais se repete em todos os países da América Latina, não só pela identificação com a terra e seus ciclos vitais de reprodução, mas também pelo questionamento de um modo de vida patriarcal, de dominação, binário e hierárquico. Federici (2019) também destaca que o protagonismo das mulheres contra a globalização não se restringe a América Latina, mas também está presente na Ásia e África. Em resumo, do local ao global, para além do contexto pandêmico, estamos vivendo em um momento de articulação internacional das mulheres em defesa dos territórios e das vidas.

Por fim, acredito que este artigo possibilita um olhar atento às práticas de cuidado e cura promovido pelas mulheres tanto dos campos etnográficos desta pesquisa, quanto em outras localidades que compõem a Terra. Para além-do-humano e diante das ruínas que o capitalismo produz, é importante lembrar que fazer mundos ou ainda criar ontologias não é uma exclusividade dos seres humanos. Isso porque “todos os organismos criam habitações ecológicas, alterando a terra, o ar e a água. Sem a habilidade de criar arranjos de vida eficazes, as espécies desapareceriam. No processo, cada organismo transforma o mundo de todos” (Tsing, 2022, p.67). Resta a nós, aprendermos com as estratégias das mulheres da aldeia Barra de Gramame e do assentamento Sítio Tambaba e tecer, diante das catástrofes, alianças multiespécies que permitam a fabulação de mundos possíveis.

## Referências

- Altieri, Miguel A. The ecological role of biodiversity in agroecosystems. In: **Invertebrate biodiversity as bioindicators of sustainable landscapes**. Elsevier, 1999. p. 19-31.
- Baniwa, Gersem. A pedagogia da resiliência indígena em tempos de pandemia. **Revista de Educação Pública**, v. 30, p. 1-17, 2021.
- Butler, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas:** notas para uma teoria performativa de assembleia. Editora Civilização Brasileira, 2019.
- Dos Santos, Antônio Bispo. **Colonização, quilombos:** modos e significados. Brasília, DF: INCTI/CNPq/UnB, 2015.



### Quintais como espaços vitais:

#### Alianças interespécies e protagonismo feminino diante da continuidade da COVID-19

Priscila Fazio Rabelo

. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

Federici, Silvia. **O ponto zero da revolução:** trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Editora Elefante, 2019.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo, reprodução e quarentena.** Disponível em: <https://www.editoraelefante.com.br/capitalismo-reproducao-e-quarentena>, 2020.

Ferdinand, Malcom. **Uma ecologia decolonial:** pensar a partir do mundo caribenho. Ubu Editora, 2022.

Freitas, Ana Valeria Larcerda. **O espaço doméstico dos quintais e a conservação de plantas medicinais na comunidade São João da Várzea, Mossoró-RN.** Tese (Doutorado em Agricultura Tropical) - Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró, 2016.

Furlan, Marcos Roberto; Brisola, Elisa Maria Andrade; Soares Nato, Julino Assunção Rodrigues; Ribeiro, Suzana Lopes Salgado. A reprodução de gênero no cuidado dos quintais no Brasil. **Agroalimentaria**, v. 23, n. 45, p. 159-173, 2017.

González, Anahí Gabriela. Deshacer la especie: hacia un antiespecismo en clave feminista Queer. **TEL Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 10, n. 2, p. 45-70, 2019.

Krenak, Ailton. **Futuro ancestral.** Companhia das Letras, 2022.

Lawler, Odette K.; Allan, Hannah L.; Baxter, Peter W. J.; Castagnino, Romi; Tor, Corella Marina; Dann, Leah E.; Hungerford, Joshua; Karmacharya, Dibesh; Lloyd, Thomas J.; López-Jara, María José; Massie, N. Massie; Novera, Junior; Rogers, Andrew W.; Kark, Salit. The COVID-19 pandemic is intricately linked to biodiversity loss and ecosystem health. **The Lancet Planetary Health**, v. 5, n. 11, p. e840-e850, 2021.

Marques, Amanda Christinne Nascimento et al. **Fronteira étnica:** Tabajara e comunidades negras no processo de territorialização do litoral sul paraibano. 2015.

Mura, F. et al. **RELATÓRIO TABAJARA:** Um estudo sobre a ocupação indígena no Litoral Sul da Paraíba. Editora UFPB, 2015.

Oakley, Emily. Quintais domésticos. **Revalorizando**, p. 37, 2004.

Oliveira, João Pacheco de. Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. **Mana**, v. 4, p. 47-77, 1998.

Pinilla, Nara; Oliveira, Maria do Socorro Lima. A percepção sobre os quintais rurais por mulheres agricultoras do Sertão do Pajeú-PE. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, v. 2, n. 15, p. 126-136, 2019.

Portugal, Larissa Moreira. **"Abaixo de Deus eu tenho fé nesses matos": uma etnografia do regime de cuidado cotidiano entre os Pataxó da aldeia Boca da Mata.** 2022.

Preciado, Paul B. Feminismo não é humanismo. Em: **Um apartamento em Urano:** crônicas da travessia. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020 [2014].



### Quintais como espaços vitais:

#### Alianças interespécies e protagonismo feminino diante da continuidade da COVID-19 Priscila Fazio Rabelo

Rosa, Leonilde dos Santos, Silveira, Erycéle de Lima; Santos, Mônica Mota; Modesto, Rozi da Silva; Perote, James Richard Silva & Vieira, Thiago Almeida. Os quintais agroflorestais em áreas de agricultores familiares no município de Bragança - PA: composição florística, uso de espécies e divisão de trabalho familiar. **Revista Brasileira de Agroecologia**, 2007, 2(2), 337-341.

Santos, Taíza Nunes. "**CADA PLANTA TEM UM CABOCLO, CADA CABOCLO TEM UMA PLANTA**": Etnocartografia sobre as práticas de saúde do povo indígena Tabajara do litoral Sul da Paraíba. (Dissertação de mestrado - UFCG), 2023.

Soares, Ronaldo Leão et al. **Assentamento e APA Tambaba à guisa da história**. (Dissertação de mestrado – UFPB), 2014.

Svampa, Maristella. **As fronteiras do neoextrativismo na América Latina**: conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências; tradução Lígia Azevedo. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

Tsing, Anna. **O cogumelo no fim do mundo**: Sobre a possibilidade da vida nas ruínas do capitalismo. N-1 Edições, 2022.

Winklerprins, Antoniette M. G. A. House-lot gardens in Santarem, Para, Brazil: linking rural with urban. **Urban Ecosystems**, 2002, (6), 43-65.

Data de recebimento: 14/07/2025

Data de aceite: 08/09/2025

#### Como citar de acordo com ABNT:

RABELO, Priscila Fazio. Quintais como espaços vitais: alianças interespécies e protagonismo feminino diante da continuidade da COVID-19. **Áskesis**, São Carlos, v. 14, n. 02, p. 164-183, jul.-dez. 2025. DOI: 10.14244/2238-3069.2025/35.